

**Passeio de ônibus: um exercício  
de etnografia no Bairro Cafezal**

**Janine Damasceno Moura Fé  
Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza**

# Passeio de ônibus: um exercício de etnografia no Bairro Cafezal

## Bus ride: an ethnographic exercise in Cafezal Quarter

Janine Damasceno Moura Fé\*  
Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza\*\*

---

**Resumo:** *O trabalho estuda a etnografia com referencial teórico de Collier Jr; Achutti, Maffesoli. O método de pesquisa é a fotografia e o objeto de estudo são os funcionários e passageiros de um ônibus da linha Cafezal (bairro da periferia da cidade de Londrina – PR). Observa-se que, mesmo nas situações mais banais, pode-se colher bons elementos para uma pesquisa etnográfica.*

**Palavras-chave:** *fotografia; linguagem fotográfica; etnografia; Londrina.*

**Abstract:** *This work studies ethnography with theory basis from Collier Jr; Achutti; Maffesoli. The research method is photography and the target population are workers and passengers of a bus line, the Cafezal (quarter in the outskirts of Londrina-PR). It is noted that even in the most regular situations, it is possible to capture significant elements for ethnographic research.*

**Key-words:** *photography; photographic language; ethnography; Londrina.*

---

---

\*Janine Damasceno Moura Fé – Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina.

\*\*Especialista em Fotografia, Mestre em Educação e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina.

## Introdução

Pequena queimadura de luz sobre uma superfície sensível (como uma alma) – os nitratos de prata, pele e película ao mesmo tempo – a fotografia é, na sua materialidade, tanto uma ferida como uma cicatriz, uma fenda aberta no tempo, uma rachadura no espaço, uma marca, um rastro, um indício. Corte e golpe, ela é essa superfície de signos múltiplos e complexos, aberta a um passado que já não existe mais e a um futuro que não chegou a ser. As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos, os envelopes que guardam nossas evidências. As fotografias são memórias e confidências.

Etienne Samain

Atualmente, para que seja possível conhecer o homem é preciso “mostrá-lo” e não apenas descrevê-lo verbalmente, como o era antigamente. Poderia, então, o caderno de anotações do antropólogo ser substituído por uma câmera fotográfica?

Ao optarmos por trabalhar com a etnografia, decidimos estudar algo que estava em constante contato conosco, que víamos e revíamos todos os dias e que – com essa excessiva convivência – aprendemos a apreciar: o cotidiano. Pois os atos e todas as situações que dão base à nossa vida, no seu valor próprio, devem ser valorizados e apreciados.

No percurso de nossa existência, as belas situações, as boas ocasiões, enfim, a arte da rotina diária é uma realidade imprescindível, e cada vez menos é atribuída importância a esses fatos, às vezes até esquecidos. É justamente a pouca importância dessas situações que se apresenta indispensável à trama social. A soma desses atos é que adquire relevância, por isso a atenção às pequenas situações do dia-a-dia, assim como define Maffesoli (1984, p.27): “Podemos dizer que a vida cotidiana em sua mesclagem e em seu aspecto mais banal é rica de imprevistos e aberta a múltiplas potencialidades.”

É esse investimento no presente, por parte das camadas sociais, que transforma a banalidade cotidiana em algo inestimável.

## O olhar

A história do pensamento humano é repleta de comparações e reflexões entre os olhos e o espírito, os olhos e o saber, os olhos que contemplam a beleza divina, os olhos que se chocam com a realidade e diante da qual também permanecem indiferentes, desavisados. Fique de olho neles, nos olhos da alma!

Rosane de Andrade

Todos os homens, por natureza, têm a necessidade de conhecer e preferem a visão a qualquer outro sentido, por ter uma fácil assimilação. Prova disso é que, de todos os sentidos, é a visão que nos faz adquirir mais conhecimentos e descobrir mais diferenças. A visão é o sentido que tem maior capacidade de investigação.

O olhar é como um cordão umbilical que liga o homem ao resto do mundo. Ele absorve conhecimento ao mesmo tempo em que concebe, é uma troca constante de informações. Segundo Chauí (1989, p.61): “O olhar ensina um pensar generoso que, entrando em si, sai de si pelo pensamento de outrem que o apanha e o prossegue. O olhar, identidade do sair e do entrar em si, é a definição mesma do espírito.”

A visão nasce em nossos olhos, mas depende das coisas que surgem fora dele, no teatro do mundo. Bosi (1989, p.72) diz que: “A matéria prima da visão é a imagem.” Pensamos com imagens. De certa forma, pensamos e nos comunicamos fotograficamente, pois as idéias se formam em nossa mente através de imagens, as quais se formaram por representações preconcebidas.

O conhecimento age de forma dialética, de tal forma que as representações já assimiladas constantemente se modificam pela troca de informações imagéticas obtidas pela inquietação do ver, ou seja: “[...] ver não é pensar e pensar não é ver, mas que sem a visão não podemos pensar, que o pensamento nasce da sublimação do sensível no corpo glorioso da palavra, que configura campos de sentidos a que damos o nome de idéias”. (CHAUÍ, 1989, p.60).

## A fotografia

Ela (a fotografia) é uma atividade que nasce dúbia, permeia terrenos até então inimagináveis de se postarem juntos – fascina, deslumbra, mas aterroriza, amedronta. Que atividade tão perigosa e surreal é essa, nascida da pesquisa científica, das experiências da química e da física e que ao mesmo tempo, insere-se no contexto artístico? É ciência ou arte?

Fernando Braune

A fotografia transmite a maior parte da informação visual que é propagada diariamente no mundo. Pela sua força de expressão autônoma, ela é uma forma de comunicação que independe de textos explicativos. A imagem vem mais carregada do ponto de vista emocional do que expresso verbalmente. Ela é mais precisa, dá uma visão detalhada e geral, pode ser ampliada, reduzida ou reproduzida, ajustada a diversas formas de programação visual, etc.

Por ser um fragmento de uma realidade, a fotografia pode passar de algo corriqueiro, simples, para algo de nova acepção que, tirada de seu contexto original, transforma-se numa síntese que aponta uma realidade ainda mais complexa. Na definição de Luís Humberto (2000, p.41): “A fotografia – lida o tempo todo – com o corriqueiro e o preexistente, comprometida com a constante reinvenção dos espaços e a com a construção de uma poética do banal.” Em outras palavras, ela rouba trechos de uma realidade parada no tempo; é tirada da rotina diária, para logo depois ser entregue novamente a ela com descobertas até então imprevistas.

A fotografia deve agir de forma crítica sobre o tempo, tentando ser inovadora e recusando a mediocridade; e a câmera fotográfica tem sido esclarecedora e modificadora para a compreensão humana, como exemplifica Braune:

Por mais abstrata que seja uma fotografia, por mais que ela ‘minta’, por mais que nela sejam adicionadas interferências de quaisquer categorias, por mais surreal que possa vir a ser uma fotografia, ela

não deixa de estar atrelada ao referencial, àquilo que no exato momento em que o disparador da câmera foi acionado, estava lá – caso contrário não haveria algo fotografado, não haveria a fotografia. (BRAUNE, 2000, p.12).

O fascínio que a fotografia exerce sobre as pessoas se deve também ao sonho da imortalidade humana. Com a fotografia temos a oportunidade de rever um dado momento que, através de sua paralisação no tempo, pertence a um passado que continuará ao nosso alcance, e uma aflição persistente do homem é a sua inaptidão em fazer uma presença eterna e sua incapacidade de conservar com perfeição as lembranças do passado.

Fotografar é testemunhar a imortalidade, é participar ativamente da ‘inexorável dissolução do tempo’, é entrar em confronto com a sua própria morte e com a do sujeito fotografado. Apertar o obturador é lançar o dardo de Ártemis, a deusa cretense, ‘Senhora dos Animais’, cujas flechas só abatem os animais, como, muitas vezes, atingem as mulheres, dando-lhes morte súbita. Por matar brusca e imediatamente, sem que se perceba, as flechas de Ártemis são ‘doces’ e a morte que proporciona, uma ‘terna morte’: o simples toque no obturador determina a mesma morte súbita provocada por Ártemis, uma morte terna e doce. (BRAUNE, 2000, p.99).

O homem tem necessidade de aprisionar o tempo, pelo interesse de passar para as gerações futuras uma memória imortal do que já foi um dia, uma herança que ultrapasse o tempo e que tenha a capacidade de talvez sensibilizar de alguma forma aqueles que virão. Quer provas de sua existência como recados para o futuro, porque a fotografia, como afirma Humberto, “remete ao que já foi extinto”. Quando publicadas, as fotografias se tornam registros de uma determinada época, depoimentos de uma época passada e presa no tempo. Braune (2000, p.99) diz que: “Fotografar é a inserção imediata num tempo póstumo, pois que é a travessia instantânea do sujeito que ali estava, preso a sua temporalidade cronológica, ao sujeito-imagem memória.”

Então a imagem serve como um referencial não só para revisar uma realidade a partir de um fragmento retido, mas também como

deflagradora de um processo de (re)lembração. A fotografia é necessária para enriquecer o espírito com lembranças que de outra forma estariam consumidas pelo passar do tempo. Retendo o tempo, a fotografia preserva as pessoas como elas foram no passado, recente ou distante.

O tempo acaba por revestir a fotografia não apenas do sentido da lembrança do vivido, de todo o manancial emotivo que ela evoca, mas também de uma excentricidade que a faz extremamente intrigante, e a excentricidade será tanto maior como mais distante no tempo em relação a nossa realidade atual, a imagem se apresentar. (BRAUNE, 2000, p.103).

## A fotografia como método de pesquisa

Fotografias são registros precisos da realidade material.

John Collier Jr.

De acordo com Luís Humberto, ao falar de fotografia é preciso sempre levar em consideração o tempo em que se vive, pois ela é o reflexo de uma época, é o retrato desse tempo; demonstra as pessoas e os lugares como já foram um dia. Por meio de fotografias, pode-se analisar detalhes da relação entre pessoas, seus comportamentos, postura, gestos de mãos, expressões faciais. Ela permite o exame e a investigação de uma sociedade. Possui um compromisso com um agir cultural de cujas riquezas inquestionáveis tem sempre que serem lembradas, para não caírem no esquecimento. A fotografia é um testemunho da História e permite a reavaliação da realidade, recuperando valores dispersos na invisibilidade do dia-a-dia social. E mais: ela ganha ainda mais força e sentido quando incluída no conjunto de testemunhos visuais de uma época, tornando-se demonstrativa do caráter desse tempo.

A câmera fotográfica serve como uma extensão dos sentidos, é um instrumento bastante valioso para o observador. A capacidade de

adaptação da visão da câmera faz que a fotografia tenha uma percepção iconográfica em campos diversos e funciona como ferramenta necessária para a curiosidade humana pelo desconhecido, o interesse por outros povos, outras sociedades. Ela ajuda na interpretação e no exame dos significados do objeto de estudo. Contribui para a identificação de sensações, emoções e favorece o entendimento dos significados culturais. “A fotografia de ações sociais nos conduz a uma área rica de pesquisa não verbal [...]” (COLLIER JR, 1973, p.49).

A fotografia é adotada no trabalho de campo como um dos recursos imprescindíveis para o pesquisador. Além de ser ilustrativa, ordena culturalmente os dados, os fragmentos da realidade. A câmera fotográfica pode reunir, em menor espaço de tempo, algumas imagens bastante representativas de um determinado grupo cultural. Quando guardadas apenas na memória, essas imagens perdem parte de sua nitidez, confundem-se com outras impressões e acabam por desaparecer. A película fotográfica substitui o livro de anotações e faz um registro completo, inclusive nas circunstâncias mais inusitadas.

A operação repetitiva da câmera permite a observação de acontecimentos que podem ser comparados e examinados quantas vezes forem necessárias. O registro fotográfico facilita a análise crítica e contribui como um instrumento para melhor controle da observação. Neste sentido, cada vez mais se acentua o interesse de etnólogos pelas qualidades representativas e descritivas da fotografia, na busca pela compreensão de como um determinado grupo social, num determinado tempo, simboliza seu mundo.

Desta forma, pode-se dizer que o etnólogo é uma pessoa narrando sobre outras pessoas, ou seja, sua função é investigar sua própria cultura e conhecer um pouco mais sobre si mesmo. E, para isso, pode “escrever” com imagens sobre pessoas e lugares. Imagens indiciais de como era a vida naquele exato instante. Segundo Andrade (2002, p.18): “As imagens ‘dialogam’ com a realidade e com a representação dessa realidade – as imagens também são observações estéticas e documentais da realidade.”



Uma cena que sensibiliza, uma expressão, só podem ser assimilados através de imagens. O que se vê é muito rico e, na maioria das vezes, demasiadamente complexo para ser traduzido com palavras, como define Luís Eduardo Robison Achutti:

A unidade de um olhar, de um rosto especial que nos sensibiliza, não se pode traduzir em palavras. A unicidade deste olhar só pode ser apreendida como imagem. Imagens que povoam o pensamento dos homens, mas que também encontram lugar num retângulo silencioso chamado fotografia. (ACHUTTI, 1997, p.43).

Para aprofundar esse conceito no plano fotográfico, buscamos identificá-lo dentro do universo simples do dia-a-dia, mais exatamente num passeio de ônibus, que se tornou a matéria-prima para este pequeno estudo de comportamentos, expressões, enfim, situações corriqueiras da vida social (figura 1).

Sempre existirão infinitos mundos a serem descobertos, imensos e desconhecidos mares a serem velejados e intermináveis sonhos a serem visitados. Mas só o nosso ofício, considerado uma forma verdadeira de expressão, vinculado solidamente a nossas inquietações com relação à vida, será capaz de nos fazer perceber, nas pequenas cintilações do banal, a dimensão do universo. (HUMBERTO, 2000, p.47).



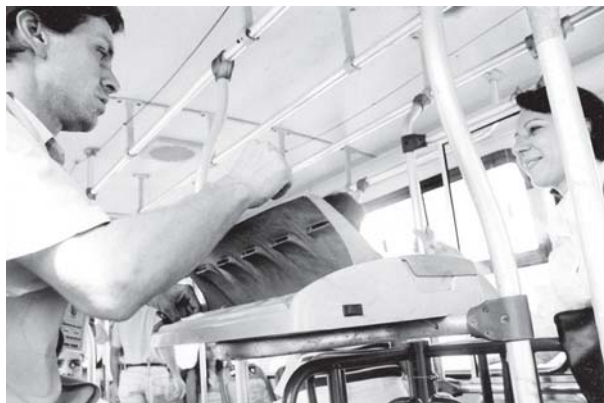
*Figura 1 - Passeio de ônibus*  
*Foto: Janine Damasceno Moura Fé*

A necessidade de documentar o mundo desconhecido faz que antropólogos e etnólogos saiam em busca de outras culturas para revelar costumes e hábitos. O pesquisador pode visitar grupos sociais afastados e voltar com verdadeiras novidades sobre povos até então desconhecidos. Os etnólogos ainda procuram por povos exóticos em seus estudos e esquecem de observar e retratar os costumes de gente comum no seu dia-a-dia.

Raramente é reconhecida em nosso cotidiano uma cultura digna de interesse, pelo fato de ser atribuída maior importância a povos de uma etnia remota. Avaliar a rotina de pessoas próximas do nosso mundo e que compartilham dele é questionar nossos próprios valores. Trabalhar com classes trabalhadoras é um exercício que se revela bastante difícil, por estarem elas demasiadamente próximas de nós. Mas se olharmos com cuidado descobriremos ambientes interessantes. Os sorrisos, as vestimentas, o cansaço do dia de trabalho, as reclamações, tudo se impõe no cotidiano, como se pode observar nas figuras 2 e 3.



*Figura 2 - Gente humilde*  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé



*Figura 3 - Bom dia! E um sorriso sincero  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*

A proposta aqui é a do emprego da fotografia como um recurso narrativo, na função de convergir significações e informações acerca de um segmento social: os moradores do bairro Cafezal e usuários do transporte coletivo. Buscando traduzir pessoas, comportamentos, valores, crenças e esperanças, tentamos aguçar a percepção sobre esses rostos que fazem parte de uma sociedade (figuras 4, 5 e 6) e são manifestações de uma cultura.



*Figura 4 - Da janela lateral...  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*



*Figura 5 - Para as crianças, é uma festa...  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*



*Figura 6 - E aí, parceiro? Beleza?  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*

Ao escolher essa linha de trabalho, deparamo-nos com uma situação comum ao dia-a-dia da maioria da população, isto é: a vida social de pessoas simples. Trabalhamos, então, com o seu cotidiano, abordando uma questão em constante fragmentação: a vida social.

Pensando em trabalhar um tema corriqueiro para explorar o cotidiano, chegamos à periferia da cidade. Com a utilização do serviço de transporte metropolitano do local, notamos um grande potencial

etnofotográfico entre os passageiros e funcionários da linha que circulava pelo bairro Cafezal (zona sul de Londrina – Paraná).

Durante 20 dias, fotografamos os mais variados tipos humanos, as mais inusitadas situações. Eram pessoas cansadas, pessoas apressadas, pessoas bem humoradas, pessoas calmas indo para o seu trabalho ou voltando dele, pessoas visitando pessoas, enfim, pessoas passando por pessoas, uma transição constante de gênios, problemas, alegrias...

Nosso trabalho começava sempre no mesmo turno, no horário das 10h55 às 11h20, ou como no jargão deles, “a boa”, a última viagem.

Os mínimos atos da vida cotidiana separam-se em inúmeros *territórios*, e esses fragmentos da vida social são como vários tipos de sociedades. A conversa no percurso do ônibus, a espera no ponto, todos esses pequenos “nadas” constituem um território e suas minúcias, como pode ser notado na figura 7. Maffesoli (1984, p.61) afirma que: “A especificidade da poesia cotidiana que se vive bem mais do que se verbaliza e que, por sua obra coletiva e anônima, é expressão gestual e plural da vida social em seu desenvolvimento.”



*Figura 7 - Território e minúcias  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*

O relacionamento entre os funcionários e passageiros foi bastante explorado na pesquisa, com indicam as figuras 8, 9, 10 e 11. O fato de o motorista pertencer ao bairro contribuiu para uma conveniência bastante harmoniosa entre ele e os passageiros.



*Figura 8 - Tchau, obrigado! Bom trabalho!  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*



*Figura 9 - Tudo bem! E o senhor, como vai?  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*



*Figura 10 - Cuidado! Segura forte que o ônibus já vai sair...  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*



*Figura 11 - Conheço esse caminho como a palma da minha mão...  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé*

Flagramos momentos de carisma, cumplicidade, tédio, esperança e amizade. É um trajeto frequentado por vizinhos, pessoas conhecidas de um mesmo bairro. Uma relação de convivência entre o ônibus e seus passageiros, que demonstravam intimidade entre si, além de propiciar inúmeras possibilidades fotográficas (figuras 12, 13, 14 e 15).

O vivido não é prognóstico da vida perfeita, ele deve ser apreciado porque vale por si mesmo. O social é como um lugar onde se fixam as satisfações e angústias que, na banalidade do corriqueiro, escapam a todos os críticos que deslocam as alegrias mais simples para uma sociedade perfeita.

Ora, a vida cotidiana, as imagens dos indivíduos e grupos sociais, é essencialmente imperfeita, e é sobre essa imperfeição, inconscientemente assumida, que repousam sua harmonia e equilíbrio, e também sua fascinante beleza. (MAFFESOLI, 1984, p.37).

A força criativa da imaginação do indivíduo exerce considerável relevância na composição da vida cotidiana. A aparência é a base de inúmeras situações e atos sociais. Os tipos de vestimenta, o “fantástico”

de todos os dias, o presente revela e cria ilusões sobre várias máscaras e adornos. As pequenas atitudes da vida social são sempre transpassadas pela preocupação com a aparência. A importância com a aparência está diretamente ligada ao que se tem vontade ou capacidade de passar para outras pessoas. Através da vestimenta, por exemplo, classifica-se a vida social do indivíduo financeiramente, socialmente, sexualmente. O ser humano tem necessidade da máscara, ou como diz Maffesoli (1984, p.110): “As coisas não são consideradas absolutamente pelo que são, mas por aquilo que aparentam.”



*Figura 12 - Fragmentos do percurso: respeito*  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé



*Figura 13 - Fragmentos do percurso: convivência*  
Foto: Janine Damasceno Moura Fé





*Figura 14 - Fragmentos do percurso: alegria*  
*Foto: Janine Damasceno Moura Fé*



*Figura 15 - Fragmentos do percurso: carisma*  
*Foto: Janine Damasceno Moura Fé*

Maffesoli alerta para a necessidade – e importância – de observar o dia-a-dia e a poética de lugares e pessoas simples, pois estes micro-ambientes são imprescindíveis para a antropologia.

A vida “humilde” e seus trabalhos simples só podem ser vividos na medida em que existe uma força mágica, poética que os alimenta sem cessar. A poética da vida cotidiana, as criações minúsculas e imperceptíveis permitem, de fato, a permanência da sociedade. Se não houvesse uma carga mágica na vida de todo dia, o aspecto mortífero da automatização venceria a pulsão do querer viver. A maravilha suscitada pela imagem (cinematográfica, romanesca, vivida) existe na medida de seu conteúdo cotidiano. A imagem estranha, fantástica, prospectiva, utópica vale pelo que possui de banal. Reencontramos aqui a importância do *duplo*, onde a fascinação repousa no fato de que a imagem é sublimação, reflexo do empírico, do concreto. (MAFFESOLI, 1984, p.73).

Há uma junção de argumentos sutis entre o cotidiano e o fantástico. As cenas da vida diária, em sua banalidade, expressam uma força que a câmera fotográfica permite registrar e evidencia o que a repetição do dia-a-dia propende a excluir. A imagem dá destaque ao que passa despercebido nos costumes diários. Detalhes – e registros – que permitem resgatar e compreender elementos antropológicos até mesmo nas ações mais banais das pessoas mais simples.

---

## Referências

---

ACHUTTI, Luis Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**. Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAIS, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAUNE, Fernando. **O surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAIS, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COLLIER JR, John. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU, 1973.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia**: universos & arrebaldes. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

\_\_\_\_\_. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: UnB, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.